

A CRÍTICA DO FILÓSOFO XENÓFANES DE CÓLOFON AOS MITOS E DEUSES GREGOS

Paulo Afonso Tavares¹

RESUMO:

O presente artigo exporá a compreensão do divino sob o olhar do filósofo Xenófanes de Cólofon. Cabe ressaltar que tal crítico vislumbrou ser deus um elemento único, que tudo ouvia e enxergava. Assim, somente por essa afirmação, Xenófanes de Cólofon contrariou o entendimento filosófico que lhe era contemporâneo e é, sob essa perspectiva, que o trabalho em tela delimitará a aversão do pensador frente aos mitos que eram incorporados nas produções textuais dos estudiosos pré-socráticos. Além disso, estes estudiosos afirmavam observar o cosmos sob o aspecto racional, argumento que não encontrava respaldo, vez que concepções mitológicas eram somadas a experiências científicas. Nesse sentido, Xenófanes aborda o tradicionalismo grego, bem como a religião, como ferramentas constituídas a partir de mitos, ou seja, de inverdades, haja vista ter o homem depositado seus valores e interesses na formalização dos deuses.

Palavras-chaves: Xenófanes de Cólofon; Pré-socrático; Mitos; Deuses.

INTRODUÇÃO

Desde o princípio da humanidade, a compreensão cosmológica evidencia-se como algo de grande interesse e curiosidade por parte dos homens. Nessa seara, emergiu o mito, qual seja uma ferramenta de tradução daquilo que não poderia ser visto, portanto, afirmado. Assim, no período pré-socrático, o mito foi incorporado aos mais diversos setores sociais, a fim de influenciar a vida dos indivíduos, vez que se demonstrava como uma concepção do divino e, por conseguinte, de seus desígnios.

Nesse sentido, o tradicionalismo grego era construído sobre os entendimentos de míticos como Homero e Hesíodo. Sob esse aspecto, faz-se válido ressaltar que figuras como Aquiles e Ulisses eram utilizadas como parâmetros morais e religiosos, ou seja, o mito era determinante nas escolhas individuais. Com isso, os heróis, criações da imaginação dos

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em Ciências da Religião e mestrando em Desenvolvimento e Planejamento Territorial pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS). Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo (PUC Goiás) e Filosofia (Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás – IFITEG). Também cursa a licenciatura em Filosofia na Faculdade Católica de Anápolis. E-mail: jor.pauloafonso@gmail.com

narradores gregos, tornaram-se arquétipos para a população que, de forma intencional, costumava agir em conformidade com as práticas destes.

À vista disso, faz-se imperioso destacar que tal inserção mítica, na vida comunitária grega, era resultante das comprovações previstas em obras filosóficas. Desta forma, eclodiram os pensamentos do filósofo Xenófanes de Cólofon – contrários à absorção dos mitos na vida social. Em outras palavras, o crítico em questão posicionava-se a favor da racionalização das obras filosóficas, ou seja, contrariava os dogmas da religião e as narrações que lhe eram contemporâneas. Assim, tem-se o tema central de suas obras, qual seja a caracterização de deus como um ser uno, algo deveras questionado à época. Nessa seara, os escritos de Xenófanes foram inovadores e polêmicos, haja vista sua ousadia em negar tudo o que lhe era ensinado.

Diante do exposto, compreendemos que os filósofos pré-socráticos, ainda que dotados de desejo em elaborar pensamentos científicos, por vezes, misturavam os mitos às suas observações, algo implementado pelas instituições religiosas. Foi, sob essa perspectiva, que nasceu a obra de Xenófanes – uma escrita não científica, que tinha como objetivo descartar os preceitos sociais, vez que estes eram baseados em inverdades, portanto, em mitos.

A DELIMITAÇÃO DAS CRÍTICAS DE XENÓFANES DE CÓLOFON

A importância da obra de Xenófanes de Cólofon está interligada com o tema central de seu trabalho, que é a unicidade divina. Nesse contexto, o escritor é considerado um dos precursores da Escola Eleática – um agrupamento de estudiosos pré-socráticos – vez que suas críticas são de suma relevância ao comportamento humano contemporâneo. Sob esse aspecto, o filósofo em questão, dada a sua ousadia, contrariou os pensadores de sua época, bem como a religião – célebre instituição grega.

Deste modo, apesar de Xenófanes se evidenciar como um personagem histórico controverso, em razão da interpretação de suas produções textuais, é mister apontar a sua contribuição para a evolução do pensamento humano, vez que suas observações epistemológicas muito influenciaram os filósofos subsequentes. Cabe ressaltar que Cólofon foi um dos grandes responsáveis pela transição do período mítico-religioso para a atual filosofia, a qual está despida de origens mitológicas.

Todavia, faz-se imperioso salientar que os pensamentos do teólogo em tela comunicavam-se com a poesia de Homero e Hesíodo, haja vista as suas reflexões impactarem a vida social grega. Ou seja, o mundo poético era inerente às concepções dos indivíduos gregos, em razão da manifestação da origem nacional. Outrossim, os argumentos de Xenófanés também foram influenciados pela Escola de Mileto –representação institucional filosófica da Grécia Antiga, local em que eram discutidos os fatores naturais. Sob essa perspectiva, conclui-se que Xenófanés estava apto a criticar os mais diversos setores sociais, vez que dominava uma série de conhecimentos destes. A respeito da absorção da poesia, como um dispositivo de agrupamento dos valores sociais, posiciona-se Reale (1990):

Antes do nascimento da filosofia, os educadores incontrastados dos gregos foram os poetas, sobretudo Homero, cujos poemas foram, como se disse com justiça, quase a bíblia dos gregos, no sentido de que a primitiva grecidade buscou alimento espiritual essencial e prioritariamente nos poemas homéricos (REALE, 1990, p.40).

Portanto, a ideologia de Xenófanés não se desvinculava integralmente das convenções sociais de sua época e é por esta razão que a obra deste filósofo é, em essência, complexa e aderente a diversas correntes ideológicas. A este propósito, destaca Santoro (2011):

As questões filosóficas que Xenófanés aborda variam e se acomodam confortavelmente nos modelos poéticos em que ele exerce sua verve. Para a descrição cósmica própria de um discurso sobre a natureza, o filósofo toma a altivez do hexâmetro épico. Para a crítica às opiniões de autores tradicionais ou às do senso comum, usa a invectiva satírica. Para os preparativos rituais de uma festa, declama uma elegia (SANTORO, 2011, p. 12).

Isso implica que, considerando a ciência ainda em estágios iniciais de desenvolvimento na Grécia Antiga, os pensadores, embora motivados pela vontade de entender a natureza de forma racional, careciam de respaldo suficiente nas experiências cotidianas. Por consequência, recorriam às manifestações artísticas para elucidar fenômenos naturais. Tal entendimento é inferido das considerações dos filósofos Deleuze e Guattari (2007):

A arte e a filosofia recortam o caos, e o enfrentam, mas não é o mesmo plano de corte, não é a mesma maneira de povoá-lo; aqui constelação de universo ou afetos e perceptos, lá complexões de imanência ou conceitos. A arte não pensa menos que a filosofia, mas pensa por afetos e perceptos. Isto não impede que as duas entidades passem frequentemente uma pela outra, num

devir que as leva a ambas, numa intensidade que as codetermina. A figura teatral e musical de Don Juan se torna personagem conceitual com Kierkegaard, e o personagem de Zaratustra em Nietzsche já é uma grande figura de música e de teatro. É como se de uns aos outros não somente alianças, mas bifurcações e substituições se produzissem. [...] O plano de composição da arte e o plano de imanência da filosofia podem deslizar um no outro, a tal ponto que certas extensões de um sejam ocupadas por entidades do outro (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 88-9).

Em continuidade, ressalta-se que, naquela era, destacavam-se três entidades influentes no pensamento grego: os filósofos, os poetas e os videntes. Diante disso, emergia a preocupação dos filósofos em decifrar o mundo com base em fatos concretos, com propriedades passíveis de compreensão, para a formulação de suas teses. Paralelamente, os poetas concentravam-se na análise do passado e os videntes, na previsão do futuro. Sobre a metodologia dos filósofos, Souza (1973) delinea:

E o que é certo, nenhum homem nunca discerniu, assim como nunca haverá alguém que saiba com respeito aos deuses, bem como da totalidade de qualquer coisa que eu diga. Mesmo que alguém tivesse sucesso sobre todos os outros em articular o que é realmente presente, ele continuaria sem ter nenhum conhecimento de sua própria experiência (De tudo há uma opinião ilusória) (SOUZA, 1973, p.77).

É possível afirmar que, antes do advento dos filósofos, os videntes eram responsáveis por interpretar o futuro humano, em conformidade com os desejos dos deuses, enquanto os poetas moldavam suas obras com base na análise dos elementos naturais. Assim, fica evidente que a interpretação do divino transcendia os interesses sacerdotais. Filósofos, videntes e poetas dedicavam-se à descrição do sobrenatural e do inusitado aos olhos humanos.

Com o surgimento de fenômenos inéditos, surgiam também novas indagações e, conseqüentemente, a demanda por respostas inovadoras. Os pensadores da Grécia Antiga empregavam o mundo material como instrumento para alcançar conclusões, utilizando a lógica e a racionalidade para entender o ambiente terrestre sob uma nova ótica, oposta às noções mitológicas.

Nesta época, a cosmogonia transformou-se em cosmologia, quando o entendimento universal passou a ser baseado em estudos racionais. Xenófanes, com sua diversidade de pensamentos, destacou a necessidade de revisão das teorias de Hesíodo e Homero, pois estas já não correspondiam aos resultados lógicos das questões cosmológicas obtidos por meio da observação racional dos elementos naturais. Ele criticou a poesia mítica como fundamento social, destacando o desafio de reformular as concepções homéricas e hesiódicas, fortemente

arraigadas na personalidade dos gregos, que se maravilhavam com essas narrativas complexas. A esse respeito, Heubeck (1990) comenta:

A força dos Poemas Homéricos reside na composição cuidada; a dos poetas orais, na improvisação. As criações dos poetas orais são sempre novas, como o acaso e a situação imediata as ditam; os seus cantos são para o momento e efêmeros. Mas não há nada de efêmero nas epopeias homéricas: São pensadas para serem permanentes e permanentemente válidas, não são criações de momento, mas revelam planeamento e ordenação cuidada. Podemos reconhecer quanto esforço mental e aperfeiçoamento pormenorizado estão por trás delas e quantas tentativas preliminares e esforços devem ter precedido as obras acabadas. Creio que podemos fazer avançar o argumento um passo mais. Não só a *Ilíada* e a *Odisseia* foram os produtos de um longo e cuidado planeamento e aperfeiçoamento; não poderiam ter sido criadas de modo nenhum sem o auxílio da escrita (HEUBECK, 1990, p.12).

Consequentemente, evidencia-se que, nesse período, o homem começava a se distanciar de sua própria essência para analisar os elementos naturais com base em si mesmos. Isso implicava na necessidade de os filósofos se desvencilharem da noção de entidades quase-divinas, para compreender a natureza como um sistema interconectado.

Assim, os homens deixaram de se ver como o foco das ações divinas, reconhecendo o impacto intrínseco da natureza, independente de intervenção divina. Ademais, apesar de Xenófanes reconhecer a divindade como atributo único de deus, ele defendia incansavelmente a busca por respostas e o trabalho filosófico fundamentado na lógica, pois, para ele, o homem racional equiparava-se às entidades divinas, dada sua capacidade de raciocínio e solução de conflitos. Neste contexto, Santos (2001) apresenta:

Xenófanes acha que o homem deve ser homem e não se iludir. Ele pode ser grande, sem ser o Deus, conquistando a plenitude da razão. A razão é 'deus' se o homem sepultar esses deuses que a imaginação criou para lhe impor limites tão estreitos e ameaçadores. Ele não deve mais sujeitar-se a hesitações, imposições arbitrárias vindas de fora e frustrações. Os seguintes fragmentos corroboram o que afirmamos a propósito da fragilidade dos argumentos usados pelos poetas na formulação da teologia pré-filosófica, assumida irracionalmente pelos gregos, naquele momento histórico (SANTOS, 2001, p.58-9).

Portanto, a cidade de Mileto era considerada um epicentro cultural, abarcando uma diversidade de crenças que contemplavam variadas interpretações da existência terrena e celestial. Com isso, a representação divina e seu impacto social passaram a ser relativizados, dada a ausência de um consenso comunitário sobre tais concepções.

É relevante enfatizar que, com o progressivo distanciamento da divindade da figura humana, a representação dos deuses gradualmente abandonou o antropomorfismo, reconhecendo-se que as entidades celestiais detinham qualidades superiores e impessoais, inalcançáveis até pelo mais virtuoso dos seres humanos. Neste panorama, a valoração dos deuses sob premissas estritamente humanas tornou-se insustentável. Xenófanes, percebendo que deus é uma entidade celestial fundamentalmente distinta do homem, devido à sua criação de espécies variadas e características únicas, refutou a concepção divina grega tradicional, baseada em interpretações homéricas e hesiódicas, por falta de suporte lógico, conforme exposto por Santos (2001):

Xenófanes os critica pelo fato de terem projetado uma sociedade celeste na qual são atribuídos aos deuses deslizes, comportamentos vis, torpes, e paixões desenfreadas comuns entre os mortais seres humanos. Afirma ainda que essas representações antropomórficas são convencionais e relativas, pois mudam consoante os povos que as elaboram. É impensável e inadmissível, diz o filósofo, que os deuses adotem hábitos e os costumes dos seres humanos e que tenham, dos mesmos, aparências semelhantes. E o que é pior, pretender que os deuses assumam atitudes absolutamente condenáveis, imorais, ilícitas, como as que foram incorporadas à mitologia, aceitas cegamente, de forma acrítica e inquestionada pela comunidade grega (SANTOS, 2001, p.58).

Apesar das inovações teóricas relacionadas às concepções divinas e aos desígnios de deus, os gregos não conseguiram se desvencilhar completamente das visões homéricas e hesiódicas acerca dos seres supremos e suas origens. Sob esta ótica:

Apesar da dificuldade de se aceitarem os moldes antropomórficos dos deuses, colocada pela nova concepção de *physis*, os poemas homéricos continuaram a ser a maior referência para a poesia grega ao longo dos períodos arcaico e clássico. O antropomorfismo que eles ajudaram a consolidar-se deixou uma marca duradoura na cultura grega (LOPES, 2009, p. 24).

É importante esclarecer que, na formulação da tese mencionada, onde a natureza se explica por si mesma, a contribuição de Xenófanes foi significativa. Sua obra, desde o início, abordou a inexistência de deuses antropomórficos, propondo, em vez disso, um deus com atributos até então desconhecidos na Terra.

Assim, segundo alguns estudiosos, Colófon não seria estritamente um filósofo, mas um poeta cuja arte advogava em prol de interpretações científicas dos fenômenos naturais. Ele desenvolveu seus conhecimentos epistemológicos explorando a interdependência entre

homem e natureza.

Com a emergência da filosofia, que preenchia lacunas deixadas pelo mito na sociedade grega, inicia-se o estudo da natureza sob uma nova luz, com contribuições significativas de pensadores da Escola de Mileto, como Anaximandro, Anaxímenes e Tales. As interpretações filosóficas da vida dividiam-se em duas correntes: uma voltada para o pensamento positivo, livre de mitos, e outra para o pensamento abstrato, que rejeitava a formalização dos deuses e entidades sobrenaturais com base em valores humanos. Vernant (2000) comenta sobre este aspecto:

O nascimento da filosofia aparece, por conseguinte, solidário de duas grandes transformações mentais: um pensamento positivo, excluindo toda forma de sobrenatural e rejeitando a assimilação implícita estabelecida pelo mito entre fenômenos físicos e agentes divinos; um pensamento abstrato, despojando a realidade dessa força de mudança que lhe conferia o mito, e recusando a antiga imagem da união dos opostos em benefício de uma formulação categórica do princípio de identidade (VERNANT, 2000, p. 453).

Nesse contexto, é imperativo salientar o objeto central da filosofia: a observância dos princípios naturais que são, por sua natureza, perenes. Esses princípios ditam que a vida humana é intrinsecamente interdependente e que tudo no mundo externo é influenciado por eles. Tais fatores externos são considerados secundários e, conseqüentemente, voláteis. Sob esta perspectiva, Tales de Mileto elucida o conceito de *physis*, referindo-se à essência vital do universo. Neste ínterim, Reale (1990) posiciona-se adotando uma interpretação alinhada a este entendimento.

... o ‘princípio’ é aquilo do qual as coisas vêm, aquilo pelo que são, aquilo no qual terminam. Tal princípio foi denominado com propriedade por esses primeiros filósofos (senão pelo próprio Tales) de *physis*, palavra que não significa “natureza” no sentido moderno do termo, mas realidade primeira, originária e fundamental; significa como foi bem assinalado ‘o que é primário, fundamental e persistente, em oposição ao que é secundário, derivado e transitório (REALE, 1990, p. 48).

Este discurso implica que a missão da filosofia, assim como a de Xenófanes de Cólofon, residia na incessante busca pela verdade e, por extensão, pelos princípios universais. Como anteriormente mencionado, as obras de Xenófanes não eram meramente textuais, mas representavam uma crítica incisiva à manifestação e influência da religião na sociedade grega. Xenófanes, em sua vida marcada por uma série de viagens, entrou em contato com uma

multiplicidade de culturas, permitindo-lhe perceber as falácias morais da Grécia Antiga, fundamentadas em narrativas mitológicas.

No início deste artigo, sublinhamos a importância de Xenófanes para a Escola Eleática, particularmente para Parmênides, cujos estudos foram profundamente influenciados por ele. Parmênides desenvolveu a ideia da unicidade do ser, tanto terreno quanto divino, seguindo as concepções de Xenófanes. Este último possuía uma visão sobre o divino diametralmente oposta à religião grega contemporânea, que venerava um panteão de deuses. Xenófanes destacou-se por sua crítica à humanização das divindades gregas, que eram concebidas com características humanas, emoções e limitações. Para ele, essa percepção era ilógica e irracional, pois concebia deus como uno, com atributos e poderes ilimitados, criador de tudo.

Conforme Xenófanes, deus era onipotente, onisciente, e omnipresente. Na sua visão, a influência divina no mundo era uma extensão do espírito e do pensamento do ser supremo, manifestando-se de dentro para fora. Assim, tudo estava subordinado à vontade divina, e um único pensamento de deus poderia refletir-se na realidade terrena. Nesse contexto, a contribuição de Popper (2014) demarca-se por:

Um só Deus entre os deuses e entre os homens é o maior. Nem pela mente nem pelo corpo assemelha-se aos mortais. Sempre num só lugar permanece, sem nunca mover-se. Nem lhe corresponde vagar ora aqui, ora acolá. Sem esforço sobre Tudo reina só pelo pensamento e intenção. Todo ele é visão; todo saber; e todo audição (POPPER, 2014, p. 53).

Neste campo de estudo, destaca-se a crítica de Xenófanes à antropomorfização do divino. Segundo ele, as narrativas homéricas e hesiódicas conduziam a sociedade a enxergar os deuses como entidades que espelhavam as ações humanas, inclusive em suas noções de moralidade. A principal contraposição ideológica proposta por Xenófanes residia na concepção de um deus único, desprovido das falhas humanas, como fraudes, traições e delitos. Para ele, deus não estava sujeito às falhas morais inerentes aos seres humanos, nem era capaz de criar ilusões oriundas de uma imaginação humana. Ademais, Xenófanes argumentava que os poetas, sendo meros mortais, não detinham autoridade legítima para definir as características dos seres celestiais, pois estavam limitados ao seu próprio espectro criativo.

Xenófanes também abordou as representações divinas dos egípcios e dos trácios, notando uma marcante discrepância na aparência física de suas divindades – os deuses egípcios eram representados com características negroides, como narizes achatados, enquanto

as divindades trácias eram retratadas com cabelos ruivos e olhos claros. Isso revelava que as imagens dos deuses refletiam as características físicas e psicológicas dos povos que as adoravam, uma noção que Xenófanes via como fundamentalmente ilógica. Em sua visão, toda concepção divina estava intrinsecamente atrelada a um contexto político e cultural específico. Ele propunha que, se os animais fossem capazes de produzir textos ou ilustrações, eles também representariam suas divindades com características que lhes fossem familiares, semelhante ao que ocorria com as crenças dos antigos gregos. Neste ponto, Kirk e Raven (2008) oferecem insights adicionais:

Homero e Hesíodo atribuíram aos deuses tudo quanto entre os homens é vergonhoso e censurável, roubos, adultérios, e mentiras recíprocas (...) mas se os bois e os cavalos ou os leões tivessem mãos ou fossem capazes de, com elas, desenhar e produzir obras, como os homens, os cavalos desenhariam as formas dos deuses semelhantes à dos cavalos, e os bois à dos bois, e fariam os seus corpos tal como cada um deles o tem (KIRK, REVEN, SCHOFIED, 2008, p. 172-173).

Por conseguinte, Xenófanes elucidava este erro cultural prevalente, no qual diversas populações concebiam seus deuses com características específicas e distintas. Em sua perspectiva, o deus do Egito, da Trácia e da Grécia era, em essência, o mesmo ente divino, transcendendo assim os padrões meramente humanos. Prosseguindo em sua argumentação, é pertinente enfatizar que, ao venerar uma divindade endossada com atributos humanos o homem, de fato, exaltava a sua própria espécie. Isto é, ocorria um endeusamento do que era terreno e efêmero; um exemplo notório seria a adoração do corpo humano na sociedade grega, tido como objeto de constante admiração. Esta prática era alvo de crítica por parte de Xenófanes, que defendia a supremacia da sabedoria sobre a mera aparência física. Sob esta ótica, segue-se a análise de Xenófanes acerca dos costumes gregos:

Ainda que fosse com cavalos, tudo isso lhe caberia, embora não fosse digno como eu, pois mais que a força física de homens e de cavalos vale minha sabedoria. Ora, muito sem razão é esse costume, nem justo é preferir a força física à boa sabedoria. Pois nem havendo entre o povo um bom pugilista, nem havendo um bom no pentatlo, nem na luta ou pela rapidez dos pés, que mais que a força física merece honra entre as ações dos homens nos jogos, não é por isso que a cidade viveria em maior ordem. Pequeno motivo de gozo teria a cidade se alguém, competindo, vencesse as margens do Pisa, pois isso não enche os celeiros da cidade (SOUZA, 1996, p 77).

Deste modo, a inferência que se extrai do fragmento em análise é que, para o pensador, as vaidades humanas, exemplificadas pela busca obsessiva pela perfeição física,

representam meras fontes secundárias na formação da identidade de um povo. Em contrapartida, o que realmente se destaca como fundamental para a construção da consciência coletiva de uma nação é o empenho no cultivo do saber. Importa ressaltar que, embora o conhecimento em sua integralidade seja um atributo exclusivo do divino, foi concedida aos seres humanos a capacidade de aspirar a uma sabedoria limitada, fruto de uma incessante jornada de investigação.

A ciência dos fenômenos terrenos e a compreensão dos mistérios que envolvem o mundo são domínios inerentes ao ser supremo. Os seres humanos, embora persistentes na busca pela verdade dos fatos, apenas alcançarão uma fração do conhecimento divino, limitados pela sua condição mortal. Segundo Xenófanés, aos indivíduos resta a tarefa de assimilar as aparências e compreender os fenômenos naturais por meio de seus sentidos, dada a sua natureza finita e incapaz de apreender a totalidade do saber. Assim, por meio de seu trabalho e experiências acumuladas, o homem forma suas opiniões.

Nesse contexto, reconhecendo que apenas uma parcela do conhecimento universal é acessível ao ser humano, Xenófanés orientou sua obra com foco na observação terrena. O fulcro de suas investigações era a análise da esfera terrestre, agregando as mais variadas formas de vida terrena e, a partir da observação de corpos d'água, deduziu a existência de fenômenos cosmológicos além do alcance humano, sublinhando a falibilidade e finitude da natureza humana. Consequentemente, o homem não deve se considerar possuidor da verdade absoluta face à sua incapacidade de compreender integralmente as questões futuras das gerações. Sob esta ótica, Popper (2014) também oferece insights relevantes:

Mas quanto à verdade certa, nenhum homem a conheceu, nem vai conhecê-la; nem dos deuses nem de todas as coisas de que falo e mesmo se por acaso proferisse a verdade final, ele mesmo não a conheceria. Pois tudo é apenas uma urdida teia de conjecturas (POPPER, 2014, p. 54).

Diante do que foi exposto, torna-se evidente que, segundo Xenófanés, os costumes e as normativas religiosas da Grécia Antiga necessitavam de uma transformação fundamental, uma vez que representavam paradigmas obsoletos na compreensão do universo. Estes se fundamentavam nos mitos perpetuados por Hesíodo e Homero, figuras centrais na moldagem do *ethos* grego. Neste contexto, Xenófanés enfatizava a não existência de deuses e ações divinas imbuídas de características humanas – uma concepção destituída de qualquer embasamento científico, segundo a visão individual grega. Ele também ponderou sobre a natureza indescritível do divino devido à finitude e limitação da mente humana, contrastando-

a com a natureza de deus, dotada de atributos eternos como a onipotência e a onisciência.

Ademais, Xenófanés observou que as diferentes culturas possuíam visões distintas do divino, uma noção que, ao considerar deus como uma entidade onipresente, revelava-se como uma ilusão e, portanto, desprovida de fundamento. Embora as obras de Xenófanés não se limitassem a um escopo científico, elas visavam a criticar os aspectos sociais de maneira lógica e racional, uma vez que o ser supremo havia concedido aos humanos a capacidade de atingir, ainda que parcialmente, o conhecimento pleno. Segundo ele, a sabedoria era a mais nobre e significativa característica humana e aqueles que buscassem aprimorá-la adquiririam o conhecimento necessário para guiar suas vidas e influenciar os outros.

Nessa linha de pensamento, filósofos posteriores a Xenófanés, como Parmênides, foram profundamente impactados por suas interpretações, conduzindo suas observações cosmológicas a partir da premissa do não-conhecimento e da impossibilidade de domínio da verdade absoluta pelo ser mortal. Foi reconhecido que tudo o que o homem possui é, em última análise, sua própria opinião. A respeito deste tópico, apresenta-se a seguir um excerto dos autores pré-socráticos:

οὕτω τοι κατὰ δόξαν ἔφην τάδε καί νυν ἔασικαὶ μετέπειτ' ἀπὸ τοῦδε
τελευτήσουσι τραφέντα τοῖς δ' ὄνομ' ἄνθρωποι κατέθεντ' ἐπίσημον ἑκάστωι.
Assim, diz a opinião que tudo isso nasceu e ora é e, então, cresce para,
enfim, perecer e os mortais dão a tudo nomes distintivos (DIELS, KRANZ,
1951).

Fica, portanto, enfatizada a preeminência dos ensinamentos do período pré-socrático, especialmente no que tange à contraposição entre os ideais religiosos e sociais, tal como estabelecido por Xenófanés. Considerando que a cidade de Mileto se destacava como um epicentro cultural e de influência, emergia a necessidade de uma reformulação nas crenças comunitárias. Era essencial evitar que o homem sucumbisse à própria vaidade, venerando deuses antropomorfizados e atribuindo-lhes falhas humanas, tais como traições e outros defeitos.

É digno de nota que, embora a poesia detivesse um impacto significativo nas produções literárias gregas, os filósofos começaram a discernir o seu aspecto imaginativo e, conseqüentemente, a sua natureza não-realista. Neste contexto, a contribuição de Xenófanés, embora não amplamente registrada na historiografia, revelou-se marcante, dada a sua audácia em desafiar os limites da influente esfera social da época – a religião. Além disso, conforme mencionado anteriormente, o conjunto de normas comportamentais na Grécia antiga sobrepunha-se aos interesses dos sacerdotes, indicando que até as instituições religiosas

estavam subordinadas aos ditames dos poetas. Este cenário, contudo, sofreu substanciais alterações com o tempo, culminando em uma situação onde a religião passou a ser portadora de uma ideologia própria e distinta.

CONCLUSÃO

A filosofia moderna foi construída após a análise das mais distintas correntes de pensamentos no decorrer da história. À vista disso, houve obras imprescindíveis de serem observadas, em razão da sua importância e impacto social até os dias contemporâneos. Dentre essas obras está a produção textual de Xenófanes de Cólofon, qual seja um filósofo, bem como teólogo, delimitador da unicidade divina frente ao período da Grécia Antiga.

A importância de seus relatos se dá, justamente, ao fato de o escritor ter vivido em um momento de adoração ao panteão, cujas divindades possuíam características antropomórficas. Diante dessa crença comunitária, Cólofon evidenciou a sua insatisfação com a absorção mítica pelos anais filosóficos e, ainda, pela religião grega. Ou seja, para o autor, a Grécia deveria passar por uma reformulação de valores, haja vista os deuses se embasarem em construções imaginárias de poetas como Homero e Hesíodo.

Deste modo, as reflexões de Xenófanes, acerca dos costumes e do conjunto de regras comportamentais da Grécia Antiga, impactaram o presente artigo, sob o aspecto de delimitação da transição da era cosmogônica para a cosmológica. Isso significa que Cólofon – durante os seus noventa e dois anos – defendeu a separação dos mitos dos estudos filosóficos, vez que, para ele, somente seria possível pontuar os fatores naturais a partir de análises lógicas e racionais do mundo material.

Cabe ressaltar que a obra de Xenófanes não objetivava ser uma síntese de experimentos científicos, todavia uma manifestação de contraposição à ideologia grega. Faz-se válido destacar que Cólofon era um viajante e, em razão desse atributo, pôde perceber que culturas diversas adoravam a deuses distintos, o que, no ponto de vista do pensador, dizimava qualquer respaldo de racionalidade das crenças. Foi, nesse contexto, que elaborou os seus posicionamentos, seguidos até os dias atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34. 1997.
- DIELS, H.; KRANZ, W. (ed.). *Die fragmente der Vorsokratiker*. Berlin: Weidmann. 1951. Repr. 1966.
- HEUBECK, A. *A Commentary on Homer's Odyssey*. Edition: illustrated, reprint. Publisher: Germany.Clarendon Press. 1990.
- KIRK, G., RAVEN, J., SCHOFIELD, M. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Lisboa:Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- LOPES, A. *A Força e o Antropomorfismo dos deuses Gregos: considerações sobre a religião dos poemas homéricos*. A Letri A - v. 19 - n. 3. 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1-490/1585>. Acesso em: 29/06/2021.
- MORA, F. *Evoluzione diacronica della religione greca*. Gerión, Vol. 20 Núm. 1. 2002.
- POPPER, K. *O mundo de Parmênides*. São Paulo, SP: Editora UNESP. 2014.
- REALE, G. *História da filosofia antiga*. São Paulo: Paulus. 1990.
- SANTORO, F. *Filósofos épicos I: Parmênides e Xenófanés, fragmentos*. Edição do texto grego, tradução e comentários Fernando Santoro. Rio de Janeiro: Hexis: Fundação Biblioteca Nacional. 2011.
- SANTOS, M. *Os pré-socráticos*. Juiz de Fora: Editora UFJF. 2001.
- SOUZA, J. *Coleção os pensadores*. São Paulo: Nova Cultura LTDA. 1996.
- _____. *Os Pré-Socráticos*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- VERNANT, J. *Mito e Pensamento entre os gregos*. 2.ed. São Paulo: Paz e terra. 2000.